

# Os ecologistas, a direita e a esquerda



**A** última coisa que se pode dizer do escritor e cientista político francês Guy Sorman — um dos ideólogos do liberalismo nos dias correntes — é que ele não se esforça por ser politicamente correto. Em contundente entrevista a este jornal, Sorman exprime sua opinião sobre os grandes temas que motivam hoje os ecologistas: organismos geneticamente modificados (transgênicos), clonagem de animais, efeito estufa, energia nuclear e o futuro da Amazônia.

Em relação a todos eles o escritor francês ataca de forma contundente as posições adotadas pelos ecologistas, acusando-os, no fundo, de anticapitalistas e neomarxistas, disfarçando essas convicções numa roupagem ecológica.

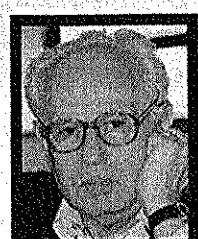
Para Sorman, os ecologistas — ao se opor à modificação genética — negam aos países em desenvolvimento a oportunidade de superar a subnutrição e a fome, uma vez que os organismos modificados poderiam ser mais produtivos e mais resistentes a pragas que os atuais. As razões dos ecologistas são as de que as grandes multinacionais são as empresas responsáveis pelo desenvolvimento de novos organismos e se opor ao uso desses organismos significa se opor ao capitalismo, como fez o ativista francês Bové no Rio Grande do Sul ao invadir e ajudar a destruir uma área experimental da Monsanto. Nesse ponto, Sorman tem razão, sobretudo porque o uso de transgênicos está numa fase de testes e impedi-los significa se opor ao progresso científico e tecnológico. Seria mais preciso, contudo, chamá-los de obscurantistas do que de neomarxistas.

No que se refere à clonagem de animais — e eventualmente de seres humanos —, Sorman possivelmente também tem razão, embora os ecologistas não tenham posição muito definida sobre o tema. O problema aqui é de natureza ética e moral e não político, e a sociedade, como um todo, terá que decidir o que fazer com o conhecimento científico que permita a clonagem quando ela for conseguida, o que não parece estar muito próximo. Essa é uma área em que

as crenças religiosas terão papel preponderante. Algo desse tipo já aconteceu na Holanda, onde a eutanásia foi legalizada, dentro de certos limites.

Em compensação, em duas outras áreas o cientista político francês está claramente equivocado: energia nuclear e efeito estufa.

Argumenta ele que a oposição dos ecologistas à energia nuclear tem razões políticas e não científicas. Tais razões seriam as seguintes: energia nuclear, como outras grandes obras de infra-estrutura,



POR JOSÉ GOLDEMBERG

só é possível numa sociedade estruturada, centralizada e policiada, enquanto que os ecologistas prefeririam uma sociedade descentralizada e despolicada. Esse pode ser de fato o ponto de vista de alguns ecologistas muito próximos das idéias anarquistas que proliferaram no fim do século 19 na Rússia imperial e na Itália. Contudo, muitos outros ecologistas e muitos cientistas não se opõem à energia nuclear por motivos políticos, mas porque são conscientes dos novos riscos que trouxe à vida do planeta como ficou amplamente evidenciado pelo acidente de Chernobyl.

Quanto ao efeito estufa, Sorman argumenta que os que querem limitar as emissões de dióxido de carbono pretendem, na realidade, incriminar os Estados Unidos, que são os maiores emissores do mundo, devido ao seu elevado uso de carvão e petróleo. Essa não é a motivação real dos que defendem a limitação do uso de combustíveis fósseis. A evidência científica de que os gases do efeito estufa (não só CO2 mas metano e outros) estão causando o aquecimento da Terra é inquestionável e não está apenas baseada em modelos matemáticos duvidosos. Além disso, há alternativas para o uso dos combustíveis fósseis e os ecologistas mais sérios desejam soluções não exclusivamente direcionadas

para substituir as emissões dos Estados Unidos, mas também aquelas emissões originárias na China e outros países em desenvolvimento mediante novas tecnologias, que são a onda do futuro.

Finalmente, no que se refere à Amazônia, Sorman repete alguns dos chavões usuais sem realmente compreender o problema. Ele acusa os ecologistas de reacionários por não desejarem o desenvolvimento daquela área, o que poderia levar à destruição da floresta. Sucede, porém, que tanto os "preservacionistas" (que querem manter a floresta intocada) como os "desenvolvimentistas" primários (que querem destruí-la e substituí-la por atividades agropastoris) estão equivocados. A verdade é que o ecossistema da Amazônia é tão frágil que, destruída a floresta, o solo não se prestaria a uma agricultura ou pecuária rentável por longo tempo. O que cabe fazer é procurar atividades sustentáveis — e se elas não forem possíveis —, preservar grandes áreas da Amazônia com suas florestas que protegem o clima em outras regiões. Caso ela seja destruída, seria lançada na atmosfera enorme quantidade de carbono, já que a floresta é um imenso reservatório desse material.

Para concluir, o que se pode dizer é que as idéias de Sorman são pelo menos simplistas: ecologia não é um disfarce dos marxistas. Houve até uma tentativa anterior de desqualificar e instrumentalizar o movimento ecológico que foi feita pelo presidente Nixon para esvaziar o movimento contra a guerra do Vietnã. E o presidente Nixon não poderia ser classificado como um marxista.

Entre os ecologistas há grupos reacionários (tachados de direitistas) que de fato se opõem ao desenvolvimento. Há também outros que são progressistas (tachados de esquerdistas) e que desejam um progresso mais compatível com as reconhecidas limitações do ecossistema em que vivemos. Provavelmente precisamos de ambos.

JOSÉ GOLDEMBERG FOI SECRETÁRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO GOVERNO FEDERAL

**ENTRE OS ECOLOGISTAS HÁ GRUPOS REACIONÁRIOS (TACHADOS DE DIREITISTAS) QUE DE FATO SE OPÕEM AO DESENVOLVIMENTO. HÁ TAMBÉM OUTROS QUE SÃO PROGRESSISTAS (TACHADOS DE ESQUERDISTAS) E QUE DESEJAM UM PROGRESSO MAIS COMPATÍVEL COM AS RECONHECIDAS LIMITAÇÕES DO ECOSISTEMA**